

INFRAESTRUTURA DO HOSPITAL PARA DESENVOLVIMENTO DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

FERREIRA-NETO, Vanessa Carolina¹

Discente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

LAMARI MAIA, Luciano Brunelli²

Docente da Faculdade de Ciências Sociais e Agrárias de Itapeva – FAIT

RESUMO

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar a infraestrutura necessária a um hospital para que possa ter o profissional da Pedagogia, garantindo assim qualidade do ensino às crianças e adolescentes internados. A estrutura da brinquedoteca e o que precisa ser oferecido aos pacientes internados em um hospital deve ser planejado conforme a necessidade de cada paciente e profissional. Assim, o Pedagogo deve ter domínio da sua prática e estar preparado para ensinar as crianças e os adolescentes hospitalizados a realizar suas diversas atividades. É importante valorizar o espaço, ou seja, o contexto no qual se encontra, para realizar as atividades e a educação regularizada pelo planejamento do ensino no contexto hospitalar.

Palavras chave: Brinquedoteca. Classes Hospitalares. Hospital

ABSTRACT

The main objective of this article is to present the infrastructure that a hospital needs so that it can have the pedagogy professional, thus ensuring quality of teaching to children and adolescents hospitalized. The structure of the toy library and what needs to be offered to patients admitted to a hospital should be planned according to the needs of each patient and professional. It is necessary, therefore, that the Pedagogue has mastery in his practice and is prepared to teach hospitalized children and adolescents to perform their various activities. It is important to value the space, that is, the context in which it is, to carry out the activities and education regulated by the planning of teaching in the hospital context.

Keywords: Toy library. Hospital Classes. Hospital

1. INTRODUÇÃO

A pedagogia hospitalar tem como finalidade trabalhar o atendimento pedagógico a crianças e adolescentes hospitalizados. Nesse contexto, faz-se necessário o preparo psicológico do pedagogo para que possa trabalhar no ambiente hospitalar, pois seu objetivo é aperfeiçoar o ser humano, construindo a consciência de que o sentimento e a interação valorizam o indivíduo na recuperação de doenças e traumas, e também, o equilíbrio

¹Acadêmico do Curso de Pedagogia – FAIT. E-mail: nessaneto_18@hotmail.com

²Mestrando pela UNESP de Araraquara. Professor na área de Pedagogia na FAIT. E-mail: aulasdolamari@gmail.com

emocional dentro do ambiente em que as crianças se encontram (MATOS e MUGIATTI, 2014).

A atuação do pedagogo é considerada um elemento fundamental para o ensino de qualidade no contexto educacional, no espaço da pedagogia hospitalar, pois a prática pode ser observada como uma relação afetiva, para que a criança não desista da luta pela sua saúde e pela sua capacidade da aprendizagem (MELO; LIMA, 2015).

O professor deve estar capacitado para desenvolver e aplicar os conceitos educacionais aprendidos, para estimular as crianças em seu desenvolvimento e aprendizagem durante sua internação (ESTEVES, 2008).

O pedagogo trabalha por meio de vínculos, para estimular o aprendizado do internado, pois quando a criança é internada, sua vida se transforma, deixando de frequentar a escola, fato este que pode acarretar constrangimento, medo e ansiedade no ambiente hospitalar. Por isso, é necessária a presença do pedagogo, o qual possibilitará a adaptação e a recuperação da saúde da criança, facilitando assim o desenvolvimento das atividades pedagógicas (SILVA; CARDOSO; SANTOS, 2011).

O presente artigo tem como principal objetivo apresentar a infraestrutura que um hospital necessita para que possa ter o profissional da pedagogia, garantindo assim qualidade do ensino à criança e ao adolescente internados.

O presente artigo foi realizado por meio de levantamentos bibliográficos, utilizando-se ferramentas eletrônicas para a busca de artigos científicos, como o Google Acadêmico, Scielo Google, sendo então realizada uma revisão de literatura utilizando artigos e livros de autores como Ceccim (1999) e do Ministério da Educação, referentes ao tema proposto. Artigos atuais foram utilizados com o intuito de analisar e apresentar o objetivo proposto, gerando ampla compreensão sobre o assunto e compreensão quanto à necessidade de uma infraestrutura hospitalar, para que possa ser oferecida essa condição específica de educação numa forma adequada.

2. HISTÓRIA DA PEDAGOGIA HOSPITALAR

Resgatando o histórico da atuação do pedagogo dentro das salas hospitalares, percebe-se que ela não é recente, visto que, a partir da preocupação de alguns estudiosos sobre o estado psiquiátrico das crianças em longos períodos de internação, começaram a surgir estudos sobre como melhorar o psicológico dessas crianças, motivo este que desde o início do XX, aponta-se vários riscos sofridos pelas crianças que permaneceram internadas em

hospitais (CECCIM, 1999). Dessa forma, a pedagogia hospitalar busca, em sua concepção primária, uma visão humanística, voltada para o ser global, e não somente para o corpo e as necessidades físicas e sociais do indivíduo.

No período da Segunda Guerra Mundial, o grande número de crianças mutiladas e sem atendimento escolar, fez com que um grupo de médicos se mobilizasse para dar atendimento a essas crianças. Com efeito, de acordo com Esteves (2008), em 1935, Henri Sallier inaugura a primeira escola voltada às crianças abandonadas e sem atendimento escolar nos arredores de Paris, o que depois se estendeu para o restante da Europa e Estados Unidos.

Afirma ainda Esteves (2008), que para melhorar esse atendimento, em 1939, foi criado o C.N.E.F.E.I – Centro Nacional de Estudos e de Formação para a Infância Inadaptadas de Suresnes, tendo como objetivo a formação de professores para o trabalho em instituições especiais e em hospitais. Foi regulamentada, no mesmo ano, a função de professor hospitalar pelo Ministério de Educação da França.

Conforme Ceccim (1999), há estudos de Spitz, datados de 1945, estudos de Bowlly, de 1969 e estudos de Ajuriaguerra, de 1975, considerados clássicos na formação dos profissionais que estudam as necessidades dos estados emocionais e físicos das crianças. Dessa forma, percebe-se que a pedagogia hospitalar não é recente, mas vem sendo aplicada desde o início do século XX.

No Brasil, o surgimento da atuação do professor no ambiente hospitalar se deu com a implantação da primeira classe hospitalar, no município do Rio de Janeiro, em 1950, em que se propunha desenvolver atividades para crianças hospitalizadas, contribuindo, portanto, para a expansão dessa nova modalidade. Esse atendimento fora da escola, durante o período de internação, não visava somente o aprendizado curricular, mas também os aspectos que favorecessem a recuperação desse aluno em seus aspectos afetivos e emocionais (OLIVEIRA; SILVA; FANTACINI, 2016).

A legislação brasileira reconheceu por meio do Estatuto da Criança e do Adolescente, através da Resolução nº 41 de outubro de 1995, no item 9, o direito de desfrutar de alguma forma de recreação, programas de educação para a saúde e acompanhamento do currículo escolar, durante sua permanência hospitalar, assim, tanto a criança quanto o adolescente têm o direito a um atendimento humano e igualitário dentro do hospital, como se estivesse em sala de aula, na perspectiva de que, quando sair da internação, consiga acompanhar sua turma no ensino regular, sem prejuízo dos conteúdos aprendidos na série em que se encontra (VASCONCELOS, 2005).

A educação é um direito de todo cidadão, portanto, no ano de 1995 a Sociedade Brasileira de Pediatria cria um documento que retrata este direito às crianças e adolescentes, emitido pela Resolução n. 41/1995 do CONANDA, que estabelece o direito a educação a crianças e adolescentes que estejam em internação (TEIXEIRA et al., 2017).

Vasconcelos (2005, p.1) observa que

Em 2002, o Ministério da Educação, por meio de sua Secretaria de Educação Especial, elaborou um documento de estratégias e orientações para o atendimento nas classes hospitalares, assegurando o acesso à educação básica. De acordo com esse documento, a educação tem potência para reconstituir a integralidade e a humanização nas práticas de atenção à saúde; para efetivar e defender a autodeterminação das crianças diante do cuidado; para propor um outro tipo de acolhimento das famílias nos hospitais, inserindo a sua participação como uma interação de aposta no crescimento das crianças; para entabular uma educação do olhar e da escuta na equipe de saúde mais significativa à afirmação da vida.

A pedagogia hospitalar vem crescendo cada vez mais no Brasil e se tornando algo necessário ao atendimento à criança hospitalizada. A classe hospitalar não se deve restringir somente ao paciente atendido, mas sim, estender-se às famílias, garantindo assim a humanização do hospital para o contato com as possibilidades da criança vítima de algum tipo de enfermidade. Por este motivo, há vários hospitais no Brasil ofertando aos seus pacientes a oportunidade de não interromper seus estudos enquanto estão internados, mesmo diante de tamanha dificuldade (VASCONCELOS, 2005; ESTEVES, 2008).

2.1. Atuação do Pedagogo no Ambiente Hospitalar

Justifica-se a importância do pedagogo no hospital por atender as necessidades psicológicas e sociais e, também, as pedagógicas das crianças e adolescentes, no anseio de possibilitar a compreensão, a criatividade e principalmente, a paciência para trabalhar com elas, podendo assim obter e atingir os seus objetivos (ESTEVES, 2008).

O professor nem sempre aplica o processo pedagógico de qualidade ao trabalhar no hospital, mas com algumas condições, faz com que as crianças e os adolescentes se sintam mais livres e dispostos a aprender. Portanto, o professor deve ter uma postura de se aproximar da criança e do adolescente e promover diálogos entre eles, explicar as suas atividades e seus objetivos sobre a escola no hospital, que possa ter o acompanhamento da escolarização da criança hospitalizada (ZAIAS; PAULA, 2010).

A função do professor ao trabalhar na classe hospitalar não é ocupar criativamente o tempo em que a criança possa elaborar, expressar ou expor os seus próprios sentimentos emocionais trazidos pelo adoecimento, com isso, o lúdico não é uma ênfase em um lazer pedagógico, no qual a criança possa esquecer, por alguns minutos ou segundos, que está hospitalizada. A posição do professor no hospital é para atuar e realizar processos afetivos na construção das aprendizagens cognitivas, permitindo assim o aprendizado escolar na vida da criança (CECCIM, 1999).

No contexto hospitalar, o professor não é apenas um recriador, com o objetivo de ocupar o momento em que as crianças possam esquecer o sofrimento de angústia. Em relação a essa situação, o professor terá que oferecer algum desenvolvimento cognitivo, propondo estratégias adequadas para distraí-los (MALAGOLLI; CARRARO, 2015).

O pedagogo é um auxiliar da criança com o intuito de fazê-la se conectar com o mundo fora do hospital, possibilitando o processo de aprender do momento educacional e de ressignificação e resgate da sua autoestima. O profissional da educação transforma o ambiente de dor, que muda o foco da doença, trazendo novas perspectivas e mudanças de vida para as crianças e adolescentes hospitalizadas (FONSECA, 2008).

A responsabilidade das atividades de aprendizagens, é do pedagogo é para uma nova realidade para as crianças e os adolescentes, proporcionando a assistência entre eles, praticando de diversas formas o trabalho pedagógico, ao qual, em relação a sua prática, cabe proporcionar diversos conhecimentos inseridos junto ao seu perfil (SOUZA; MANDÚ, 2014).

O professor deve se adequar a realidade em que se encontra a criança no hospital, desta forma, o hospital deve ter uma área reservada que tenha disponibilidade para as realizações das atividades lúdicas e pedagógicas, fazendo uso da recreação com os números de leito na enfermaria pediátrica, com um espaço bem amplo, agendando os horários perante as atividades realizadas (CUNHA, 2001).

O profissional deve ter habilidade recreativa, explorando os espaços para poder realizar várias atividades de formas dinâmicas, sugerir diversos materiais que possam trazer mais a atenção da criança, criar brinquedos e jogos pedagógicos, aqui considerando que as classes hospitalares possuem uma pedagogia caracterizada pela educação regularizada por um planejamento do ensino com avaliação, encontro da socialização da criança e professores, exigindo dos hospitais uma área para que as crianças possam realizar as atividades e expor os trabalhos que desenvolveram (CUNHA, 2001).

2.2. Classes Hospitalares

As classes hospitalares são planejadas com o propósito de contribuir e favorecer o desenvolvimento e construção intelectual da criança e do adolescente, dentro do campo da educação básica, respeitando as necessidades educacionais de cada indivíduo (BRASIL, 2002).

O atendimento pedagógico pode ser realizado em diversos ambientes, seja ele um espaço próprio, como a classe hospitalar, ou até mesmo o leito de internação. É indicado ser utilizado também espaços ao ar livre, para então se desenvolver outras atividades que poderiam ficar restritas a uma sala (SILVA; FARAGO, 2014).

Os pacientes podem ser atendidos em grupos ou individualmente em seus leitos. A classe multisseriada atende pacientes de todas as idades, podendo variar de 0 a 17 anos. Nesse tipo de modalidade o profissional deve estar capacitado e apto a ministrar as aulas, pois com diferentes idades, há diferentes graus de aprendizagem (FERREIRA; SILVA; SOUZA, 2014).

De acordo com Comin (2009), a classe deve estar apta a receber qualquer criança ou adolescente, independentemente de sua limitação física. Geralmente os alunos se conhecem no início da aula, sempre tendo variação nas turmas. A classe deve ser ampla, com mesas ou uma só mesa, com cadeiras, jogos, brinquedos, estantes com livros e materiais pedagógicos diversos.

A classe hospitalar deve ser um espaço com recursos que atendam a necessidade da criança, gerando assim interesse por parte delas, como TV, computadores, rádios, proporcionando conforto ao aluno que ao mesmo tempo é paciente (SILVA; FARAGO, 2014).

2.3. Brinquedoteca Hospitalar

A brinquedoteca hospitalar tem como principal finalidade proporcionar um ambiente com momentos prazerosos, um local alegre, tornando este espaço mais agradável para a recuperação das crianças. Os trabalhos realizados no interior da brinquedoteca demonstram que a eficiência das brincadeiras é a melhor recuperação para as crianças e os adolescentes hospitalizados, pois reduz estresse e a ansiedade dos internados (MATOS; MUGIATTI, 2014).

A brinquedoteca hospitalar proporciona um momento mais prazeroso. Este ambiente caracteriza-se como um dos aspectos lúdicos, onde se possa brincar, possibilitando ainda mais

a recuperação da criança em sua plenitude, tendo como importância para o espaço organizado, estimular a criança a brincar, concedendo um ambiente recreativo em que tenha diversos brinquedos, possibilitando o apoio de um profissional que o anime (KAILER; MIZUNUMA, 2009).

Pode-se considerar que o trabalho na brinquedoteca é um meio de conforto tanto para as crianças quanto para os adolescentes nos dias em que se encontram hospitalizados. Toda criança tem o direito de brincar, mas quando ela se encontra hospitalizada, é um dos momentos mais difíceis em sua vida, pois tem que conviver com a separação de sua família, adaptar-se com os ritmos de onde está inserida e passar a confiar nas pessoas que estão ao seu lado nesse contexto (KISHIMOTO, 1998).

O propósito da brinquedoteca é auxiliar na recuperação da criança doente e amenizar os seus traumas psicológicos, com a integração de atividades lúdicas que possam interagir com seu aprendizado, o que possibilita aos educadores priorizar e proporcionar momentos de lazer e socialização que sejam capazes de resgatar a autoestima das crianças e também promover diversas atividades e brincadeiras com variedades de brinquedos e jogos (LEITE et al., 2013).

Segundo Cunha (2001), a brinquedoteca hospitalar é um espaço completamente lúdico, no qual é possível ao paciente expressar os seus sentimentos, destacando que a permanência de algumas crianças é longa, implicando em atraso no seu desenvolvimento. Nesse contexto, considera-se que a brinquedoteca é um dos suportes para enfrentar a hospitalização, porque possibilita a vivência da realidade traumática para a criança internada.

O objetivo da brinquedoteca hospitalar é de proporcionar várias oportunidades para brincar, estimulando, portanto, a continuidade do seu desenvolvimento cognitivo e social. Também é um local onde se pode receber visita de familiares para brincarem juntos com elas e distraí-las. Conforme o seu estado emocional, por estar hospitalizada, a criança deve brincar de uma maneira muito confortável, sendo-lhe permitido o fácil manuseio dos brinquedos. (LEITE et al., 2013).

2.4. Atividades ao Ar livre

Com a hospitalização, as crianças e adolescentes ficam restritos a realização de atividade ao ar livre, portanto cabe ao pedagogo à introdução, se possível, de novas formas lúdicas de educar e podendo ainda gerar o prazer de realizar atividades físicas. A atividade

física tem como objetivo amenizar, prevenir e ainda reabilitar o indivíduo adoecido (BERSCH; YUNES, 2008).

A atividade pode ser proposta de diversas formas, como atividades recreativas, trabalhos culturais e artísticos, artesanatos e pinturas, teatro ou leitura de livros, quebrando assim a rotina hospitalar, levando aos pacientes momentos de prazer, estimulando a criatividade e diminuindo a angústia da internação (PADOVAN; SCHWARTZ, 2009).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O planejamento correto da infraestrutura hospitalar é fundamental para garantir que o pedagogo consiga ministrar as aulas, pois salas equipadas proporcionam bem-estar às crianças, tirando-as do desconforto da internação. O hospital deve possuir salas recreativas, como salas de leitura e brinquedotecas, projetadas conforme a necessidade dos pacientes e do professor.

A diversidade da infraestrutura se torna essencial, pois além de salas também podem ser utilizados outros espaços para o ensino, seja um leito hospitalar e até mesmo o lado externo do hospital, proporcionando conforto ao aluno e professor.

4. REFERÊNCIAS

BERSCH, A. A. S. YUNES, M. A. M. O brincar e as crianças hospitalizadas: contribuições da abordagem ecológica. **Ambiente & Educação**, v. 13, n. 1, p. 119-132. 2008.

BRASIL, Ministério da Educação. Organização e funcionamento administrativo e pedagógico das classes hospitalares e do atendimento pedagógico domiciliar: classes hospitalares. In: BRASIL, Ministério da Educação. **Classe hospitalar e atendimento pedagógico domiciliar: estratégias e orientações**. Brasília: MEC, 2002. p. 15.

CECCIM, R. B. **Classe hospitalar**: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. *Pátio*, v. 10, n. 3, p.41-44, ago. 1999.

COMIN, J. O. Os saberes docentes na classe hospitalar. 2009. 123 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina Centro de Ciências da Educação, Florianópolis, 2009.

CUNHA, N. H S. **Brinquedoteca**: Um mergulho no brincar. 3ª ed. São Paulo: Vitor, 2001.

ESTEVES, C. R. **Pedagogia hospitalar**: um breve histórico. 2008. Disponível em: <<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2013/06/HISTÓRICO-DA-PEDAGOGIA-HOSPITALAR.pdf>>. Acesso em: 7 maio 2020.

FERREIRA, J. R.; SILVA, L. S.; SOUZA, S. L. A. S. Classe hospitalar: um espaço de aprendizagem e humanização. 2014. 43 f. TCC (Graduação) - Curso de Graduação Com Licenciatura Plena em Pedagogia, Universidade Federal da Paraíba Centro de Educação, João Pessoa, 2014.

FONSECA, E. S. **Atendimento escolar no ambiente hospitalar**. 2. Ed.- São Paulo: Memnon, 2008.

KAILER, P. G. L.; MIZUNUMA, S. As contribuições dos brinquedistas hospitalares nas concepções dos profissionais de saúde. In Congresso Nacional de Educação- Educere: III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Paraná, v. 11, n. 1, p.4099-4111, out. 2009.

KISHIMOTO, T. M. Diferentes Tipos de Brinquedoteca. In: FRIEDMANN, A. (org.). **O Direito de Brincar: a brinquedoteca**. São Paulo: Edições Sociais, 1998.

LEITE, M. A. V. S. *et al.* Brinquedoteca hospitalar: O lúdico como instrumento de mediação na recuperação de crianças enfermas. **Revista Elo - Diálogos em Extensão**, v. 2, n. 1, p. 33-50, jul. 2013.

MALAGOLLI, G. M. M.; CARRARO, P. R. **Psicopedagogia e Pedagogia Hospitalar**. Ribeirão Preto: Uniseb, 2015.

MATOS, E. L. M. MUGIATTI, M. M. T. F. **Pedagogia hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MELO, D. C. Q.; LIMA, V. M. M. **Professor na pedagogia hospitalar: atuação e desafios**, Presidente Prudente, v.12, n. 2, p.144-152, abr/jun 2015. DOI: 10.5747/ch.2015.v 12. N 2.h213.

OLIVEIRA, E. F.; SILVA, V. M.; FANTACINI, R. A. F. Pedagogia hospitalar: a brinquedoteca em ambientes hospitalares. **Research, Society And Development**, v. 1, n. 1, p.88-104, jan. 2016.

PADOVAN, D.; SCHWARTZ, G. M. Recreação hospitalar: o papel do profissional de educação física na equipe multidisciplinar. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 4, p. 1025-1034, 2009.

SILVA, A. F.; CARDOSO, C. A.; SANTOS, M. A. O trabalho do pedagogo no ambiente hospitalar. **Revista Brasileira de Educação e Cultura**: Centro de Ensino Superior de São Gotardo, São Gotardo, v. 1, n. 4, p.1-11, jul. 2011.

SILVA, R.; FARAGO, A. C. Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo em espaços não-formais de educação. **Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade**, Bebedouro -SP, v. 1, n. 1, p. 165-185, nov. 2014.

SOUZA, J. K. O.; MANDÚ, T. M. C. **Pedagogia hospitalar: a atuação do pedagogo para além da sala de aula**. Pernambuco, p.1-25, 2014.

TEIXEIRA, R. A. G. et al. Políticas de inclusão escolar: um estudo sobre a classe hospitalar no Brasil. **Rbpaec**, v. 33, n. p. 421-447, 2017.

VASCONCELOS, S. Classe Hospitalar no mundo: um desafio à infância em sofrimento. In: Reunião anual da SBPC, 57, Fortaleza, 2005. Anais... Reunião anual da SBPC, 57, Fortaleza. 2005. Disponível em:
<http://www.sbpcnet.org.br/livro/57ra/programas/CONF_SIMP/textos/sandramaiahospitalar.htm> Acesso em: 7 maio 2020.

ZAIAS, E.; PAULA, E. M. A. T. A produção acadêmica sobre práticas pedagógicas em espaços hospitalares: análise de teses e dissertações. **Educação Unisinos**, v. 14, n. 3, p.222-232, set. 2010.